

Ler para entender

Nestes textos você verá uma abordagem interessante sobre mercado de trabalho e terceira idade, por Gilberto Dimenstein, e aspectos da pontuação e de alguns elementos textuais feitos pelo prof. Pasquale Cipro Neto.

A idade da burrice

Gilberto DIMENSTEIN

Depois dos 45 anos de idade, as chances de conseguir emprego de executivo são mínimas. De acordo com levantamento da Catho, especializada em recursos humanos, apenas 9% das empresas contratam gerentes acima dessa idade. O levantamento é baseado em entrevistas com 1 356 empregadores.

Se analisarmos, pela mesma pesquisa, a faixa etária de 51 a 55 anos, a média despenca para 2%. Um degrau acima, de 56 a 60 anos, atinge-se o patamar próximo de zero, mais precisamente, 0,65%. Esses números revelam *a idade da burrice*, combinação de preconceito e ignorância. É mais uma face de uma sociedade excludente.

Essa visão excludente funda-se em dados ultrapassados; prática antiga de apontar os mais velhos como imprestáveis e improdutivos. O fato, porém, é que, com o avanço da ciência, seja da medicina ou da informática, foi redefinida não apenas a idade da velhice, mas o que é ser velho.

Em 1940, ou seja, pouquíssimo tempo atrás, a expectativa de vida do brasileiro era de 38 anos. Em 1994, já tinha saltado para 66 anos. Fechamos o século próximos dos 70 anos. A expectativa de vida em todo o mundo não pára de crescer. Cientistas prevêem que, com os novos remédios e tratamentos genéticos, combinados com exercícios físicos e dieta saudável, viver 130 anos será comum.

Com 40 anos, portanto, alguém está, hoje, no meio de sua vida; é como se tivesse 19 anos em 1940. "A maturidade valoriza o trabalhador", afirma o *headhunter* A. H. Fuerstenthal, formado em psicologia na Suíça e naturalizado brasileiro. Segundo ele, a maturidade está associada a experiência, estabilidade e autocontrole. "Os mais maduros estão mais abertos a se dedicar apenas a uma empresa", afirma. Um detalhe: esse *headhunter* tem 86 anos, viaja todas as semanas e, até os 79 anos, jogava tênis.

Se a medicina ajuda a alongar a vida, a informática transforma os poderes dos seres humanos, alongando seus limites intelectuais.

Transforma a tal ponto, que está também redefinindo o que é ser deficiente físico. Graças aos programas de computador, cegos, surdos, mudos e paralíticos ganham habilidades que até então eram monopólio dos "normais". O computador vai desobrigando o homem das atividades repetitivas, deixa para a máquina o antigo "trabalho braçal" e mesmo a memória. Passa-se a valorizar, assim, características mais profundas, como intuição, sensibilidade, criatividade.

Um exemplo mostra com nitidez como a idade da burrice é perversa: Nelson Mandela é capaz de libertar a África do Sul, mas não seria chamado para gerenciar uma fábrica de sapatos.

Se a era da informação valoriza inteligência e experiência, excluir trabalhadores no auge do seu poder intelectual é sinônimo de burrice.

PRECONCEITO CONTRA A TERCEIRA IDADE e EXEMPLOS DE VIDA

Fernando G., 71 anos, acaba de inscrever-se num curso de cosmologia, cuja duração é de nove anos. É uma empreitada e tanto, mas Fernando mobiliza todos os esforços para adaptar-se às mudanças da vida, em vez de ficar repetindo a cantilena do "se eu fosse mais jovem...".

Gustavo Juncton, aos 86 anos, não hesita em subir num telhado para instalar uma caixa-d'água, e costuma andar 7 ou 8 quilômetros de bicicleta para fazer compras. Aposentado há vinte anos, nunca pensou em deixar de trabalhar. Há poucos anos, quando ficou viúva, Satiko Tanaka aprendeu a tradição japonesa de reciclagem de materiais. Hoje, transforma roupas e objetos usados em peças exclusivas, após um processo de colagem, tintura e reforma. Sua mãe e professora, de 94 anos, é a "inspetora de qualidade" da produção.

Máximo Barro conviveu mais de quarenta anos com o cinema, especializando-se em montagem de cenas de filmes. Quando se aposentou, escreveu *A primeira sessão de cinema em São Paulo*. Tomou gosto pela escrita e produziu outros livros. Agora, irá contar a história dos primeiros exibidores do cinema, ambulantes que iam de um ponto a outro atrás de fregueses para as suas sessões de filmes.

Ao fazer setenta anos, **Astrid Dudeck** presenteou-se com um computador, que passou a ser um grande auxiliar no seu trabalho. Em 1961, Astrid tornou-se uma pioneira na fabricação de brinquedos educativos, ao fundar uma oficina

especializada. Depois de aposentada, deixou a direção para os filhos, mas participa ativamente dos negócios. Além disso, dá aulas de português, inglês e alemão e faz trabalhos de tradução.

Adaptado de: revista *Maturidade*, n. 39, maio/jun. 1999 e n. 41, nov./dez. 1999

Compreendendo por partes

Professor PASQUALE

Dicionários dizem que **chance** (palavra de origem francesa) significa "ocasião favorável", "oportunidade". É inadequado, pois, o emprego de *chance* em frases como *Ela tem grandes chances de perder o bebê* ou *O time tem poucas chances de ser eliminado*. Como se vê, no trecho destacado é adequado o emprego da palavra *chance*.

"...as chances de conseguir emprego de executivo..." ou ...as chances de executivo conseguir emprego...? Discuta esta colocação com seus colegas.

Agora, vamos analisar detidamente o trecho destacado no final do terceiro parágrafo. Comecemos pela **pontuação**. A conjunção **porém** (que indica adversidade, oposição) marca o contraste entre o resultado da pesquisa e o que se entende hoje por velhice. Note que essa conjunção foi colocada entre o **sujeito** (*o fato*) e o **verbo** (*é*) e, por isso, isolada por **duas vírgulas**.

A vírgula que vem depois da conjunção integrante **que** abre espaço para a intercalação da expressão **com o avanço da ciência**. Essa expressão tem forte matiz **causal**, ou seja, indica causa, motivo, razão: é por causa do avanço da ciência que se redefiniu o conceito de velhice. Posta entre a conjunção (*que*) e a locução verbal (*foi redefinida*), essa expressão adverbial - razoavelmente longa - deve ser isolada por **vírgulas** - duas vírgulas.

A primeira, como vimos, vem depois do **que**; a segunda vem depois de **ciência**. Na verdade, a vírgula que vem depois de *ciência* tem papel duplo: fechar a expressão **adverbial** (*com o avanço da ciência*) e abrir espaço para uma expressão de caráter **explicativo** (*seja da medicina ou da informática*). A vírgula que fecha essa expressão explicativa vem depois de *informática*.

Leia agora o essencial da primeira parte do período: *O fato é que foi redefinida a idade da velhice*. Percebeu a lógica da pontuação? Percebeu que as vírgulas costuram logicamente as partes *do período* e marcam a presença das expressões intercaladas? Percebeu que as vírgulas não estão num saquinho e que ninguém as coloca no *texto* como quem espalha chocolate granulado sobre um bolo?

Agora vamos analisar especificamente este trecho: "...*seja da medicina ou da informática...*". Na linguagem culta formal, as expressões que servem de marcadores de alternância devem manter **simetria** (ou paralelismo). Portanto, quando se usa **seja** para o primeiro elemento, também se usa **seja** para o segundo, com vírgula para separá-los. Vamos corrigir: e o texto ficará assim: ...*seja da medicina, seja da informática...* Também faltou simetria (ou paralelismo) em "...*não apenas a idade da velhice, mas o que é ser velho*". Já vimos caso semelhante na página 11. Nessa estrutura **aditiva**, associa-se **não só** (ou *não apenas*) a **mas também** (ou *como também*).

Por fim, deve-se discutir um interessante caso de concordância. A forma feminina **redefinida** (em "*foi redefinida*") concorda com **idade**, o que, em tese, é corretíssimo. Ocorre, porém, que essa forma acaba subentendida em "*mas o que é ser velho*", o que causa desconforto ("... *foi redefinida [...] o que é ser velho*"). Neste caso, portanto, é melhor trocar a estrutura analítica (*foi redefinida*) pela sintética (*redefiniu-se*.)

Juntando todas as observações, vamos refazer o trecho: *O fato, porém, é que, com o avanço da ciência, seja da medicina, seja da informática, redefiniu-se não apenas a idade da velhice, mas também o que é ser velho*.

Fonte: DIMENSTEIN, Gilberto, NETO, Pasquale Cipro. *O Brasil na ponta da língua*, Editora Ática, São Paulo.